

ENSINO REMOTO EMERGENCIAL: AS EXPERIÊNCIAS DE UMA ESCOLA PÚBLICA E DE UMA PARTICULAR EM CAMPINA GRANDE/PB

EMERGENCY REMOTE TEACHING: THE EXPERIENCES OF A PUBLIC
SCHOOL AND A PRIVATE SCHOOL IN CAMPINA GRANDE/PB

Lígia Beatriz Carvalho de Almeida

Doutora em Educação pela Universidade Estadual Paulista (São Paulo/Brasil).
Professora na Universidade Federal de Campina Grande (Campina Grande/Brasil).
E-mail: ligia.beatriz@professor.ufcg.edu.br

Iasmin Araújo Bandeira Mendes

Mestranda em Linguagem e Ensino pela Universidade Federal de Campina Grande (Campina Grande/Brasil).
E-mail: iasminabmendes@gmail.com

Jamila Monteiro de Araújo

Bacharel em Comunicação Social com linha de formação em educomunicação pela
Universidade Federal de Campina Grande (Campina Grande/Brasil).
E-mail: jamila.monteiro7@gmail.com

Recebido em: 18 de abril de 2021

Aprovado em: 6 de julho de 2021

Sistema de Avaliação: Double Blind Review

RPR | a. 18 | n. 3 | p. 311-335 | set./dez. 2021

DOI: <https://doi.org/10.25112/rpr.v3.2476>

RESUMO

Este artigo surge no contexto da pandemia de COVID-19, focalizando seu impacto na educação. Trata-se de pesquisa qualitativa, descritiva, que analisou aulas on-line do ensino remoto emergencial de uma escola pública e de uma escola particular da cidade de Campina Grande/PB, através de observações de aula e entrevistas semiestruturadas. Trata-se, portanto, de um estudo comparativo¹, com foco nos aspectos metodológicos das aulas observadas, de forma a compreender as potencialidades e desafios encarados em cada realidade e até que ponto as perspectivas educacionais de interação e diálogo foram postas em prática. Fizeram parte desta pesquisa turmas de oitavo ano com seus respectivos professores de matemática e um gestor de cada instituição. Concluiu-se, através dos dados, que a escola particular se adaptou com facilidade ao contexto tecnológico no que diz respeito ao viés técnico, por outro lado, no que diz respeito à metodologia, o ensino on-line observado foi pouco dialógico, com excesso de conteúdo e pouca interação dos alunos. Na escola pública, o maior desafio foi a inclusão dos alunos nas plataformas digitais e a falta de assiduidade dos mesmos, o que torna mais lento o cumprimento dos conteúdos curriculares. A análise foi possível partindo de estudos de teóricos como Freire (1989), Soares (2011, 2019), Citelli (2019). A pesquisa permitiu perceber a pertinência da inclusão de profissionais de educação nas equipes de planejamento e trabalho de escolas públicas e particulares de forma a contribuir para a superação dos desafios apontados.

Palavras-chave: Ensino Remoto Emergencial. Educação. Ensino Fundamental. Matemática. Paraíba.

ABSTRACT

This paper reports the findings of a qualitative, descriptive research conducted in the context of the COVID-19 pandemic, focusing on its impact on education. Emergency remote education provided by a public school and a private school, located in the city of Campina Grande/PB, were analyzed through class observations and semi-structured interviews. It is, therefore, a comparative study, focusing on the methodological aspects of the observed classes, in order to understand the potential and challenges faced in each reality and the extent to which the educational perspectives of interaction and dialogue were put into practice. Eighth-year classes with their respective mathematics teachers and a manager from each institution took part in this research. Through the data, the conclusion was that the private school easily adapted to the technological context with regard to the technical bias, on the other hand, with regard to the methodology, the online teaching was little dialogic, with content in excess and little student interaction. In public schools, the biggest challenge was the inclusion of students on digital platforms and their lack of attendance, which slows down the fulfillment of curricular content. Such analysis was possible based on studies by theorists such as Freire (1989), Soares (2011, 2019) and Citelli (2019). From this research, it is possible to perceive the urgency of including an education professional in the public and private schools so that he can contribute to meet the challenges mentioned.

Keywords: Emergency Remote Education. Education. Elementary School. Mathematics. Paraíba.

¹ Pesquisa desenvolvida no âmbito do Grupo de Pesquisa Episcom da UFCG, certificado pelo CNPQ.

1 INTRODUÇÃO

Nos últimos vinte anos presenciamos, de forma mais acelerada, a evolução tecnológica da comunicação e da informação e muito se discutiu sobre ela. Há quase dez anos, no contexto da primavera árabe¹, percebia-se, pela primeira vez, a potencialidade da comunicação em rede e a proporção que as ações desenvolvidas no meio virtual podiam atingir. Em 2020, uma década depois, mais uma circunstância, desta vez global, nos faz encarar a tecnologia - e a comunicação - de uma maneira diferente.

A pandemia de coronavírus vem trazendo consequências para todas as áreas, da economia ao turismo, do entretenimento à educação. Nesta perspectiva, em uma conjuntura caracterizada pelo distanciamento social e pelo isolamento, a comunicação mostrou sua força mais do que em qualquer outro momento. Se por um lado, as *fake news* tiveram uma recidiva - para utilizar o glossário pandêmico - por outro, as pessoas, impedidas de se comunicar presencialmente, se viram obrigadas a mergulhar em um espaço no qual a maioria delas, até então, estava apenas na superfície: o espaço virtual. É possível citar exemplos deste novo paradigma cultural em diversos campos, porém, neste artigo, nos deteremos no impacto da pandemia na educação, desenvolvendo um estudo comparativo entre as metodologias de educação remota adotadas por uma escola pública e uma particular no município de Campina Grande, cidade de porte médio do interior da Paraíba.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 ENSINO REMOTO E EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Antes de explorar nosso *corpus*, faz-se necessário caracterizar este termo que também passou a compor o glossário pandêmico: ensino remoto. O ensino remoto é uma modalidade de educação que se deu de forma emergencial e - inicialmente - não planejada devido ao rápido alastramento mundial do Coronavírus e da COVID-19. Se diferencia do Ensino à Distância (EaD) porque este é desenhado para acontecer on-line, ou seja, seu currículo é pensado para o ambiente virtual, sua plataforma conta com recursos didáticos e pedagógicos que suprem a necessidade do aluno, todos os alunos matriculados têm equipamento e acesso, enfim, há um planejamento para implementá-lo - pelo menos, em teoria. Já o ensino remoto trata de uma educação adaptada ao ambiente virtual pela impossibilidade do prosseguimento das aulas presenciais.

¹ A primavera árabe foi uma onda de manifestações e protestos que ocorreram no Oriente Médio e no Norte da África em 2010 e que se mobilizou principalmente através das redes sociais.

Neste contexto, as escolas se adaptaram de variadas formas. Investigamos, com base nos conceitos da Educomunicação, a dinâmica e a didática de aulas remotas emergenciais adotadas por duas escolas de contextos bastante diferentes, procurando conhecer: a forma como se organizaram; o impacto dessas experiências na perspectiva dos gestores e professores; possíveis transformações no fazer docente pós-pandemia; o potencial dialógico e interativo dessas experiências educativas e a diferença entre os paradigmas utilizados nas aulas virtuais e aqueles utilizados nas aulas presenciais pelos docentes no período de pré-pandemia.

2.2 EDUCOMUNICAÇÃO

A Educomunicação é o campo que surge na interface Educação/Comunicação para refletir sobre a potencialidade educacional dos espaços (edu)comunicativos, sejam comunidades, empresas, ou - neste caso - escolas, no sentido de se tornarem ambientes dialógicos, solidários e horizontais. Para Soares, Citelli e Lopes (2019, p. 14-15), a educomunicação promove, "por meio de estratégias multi-interdisciplinares, diálogos e encontros (e possíveis desencontros) da comunicação, uma dimensão social estratégica no mundo hodierno [moderno], com a educação". Para isto, o campo se divide em sete áreas de intervenção: a) epistemologia da educomunicação; b) educação para a comunicação; c) expressão comunicativa através das artes; d) gestão da comunicação; e) produção midiática; f) pedagogia da comunicação e g) mediação tecnológica na educação.

Neste artigo, evidenciaremos as duas últimas áreas, apontando como podem contribuir para o ensino remoto. É importante destacar que a educomunicação não surge no contexto atual, mas é evidenciada a partir de tais circunstâncias. A preocupação com o impacto da(s) mídia(s) na sociedade e com o papel daqueles que recebem e usufruem das informações do mundo contemporâneo, surge, no Brasil, por volta de 1960, no contexto da ditadura militar, em que professores, comunicadores, artistas, produtores culturais tiveram que reagir contra a censura e o autoritarismo (SOARES, CITELLI, LOPES, 2019). Preparar os sujeitos para serem não apenas receptores críticos, mas produtores de conteúdo, é essencial em uma sociedade em que a comunicação acontece em rede, sendo esse um dos objetivos da educomunicação.

As primeiras iniciativas relativas à interface educação/comunicação ocorreram na sociedade civil. Com a pesquisa o "Perfil do Educomunicador" (SOARES, 1998) estas ações são sistematizadas e divulgadas, ao se perceber que já existia na prática o que estava se estruturando na academia: a Educomunicação enquanto campo de estudo e intervenção.

2.3 MEDIAÇÃO TECNOLÓGICA NA EDUCAÇÃO

Tem por objetivo desenvolver ações mediadas através da tecnologia em quaisquer ambientes sociais. Dentre os inúmeros conceitos, Signates (1998, p.43) contextualiza a mediação como uma mutação em um processo de transformação cultural que viabiliza as modalidades de comunicação, revelado pelas inovações tecnológicas.

Na educação, a mediação se dá pelo uso das ferramentas tecnológicas somadas à abordagem de ensino em busca do conhecimento; se tratando do ambiente escolar formal, não se refere à substituição dos métodos tradicionais, mas sim a adaptação dos mesmos acompanhados dos recursos tecnológicos disponíveis como ferramenta pedagógica.

Para Soares (2011, p.48) as tecnologias já estão presentes no cotidiano das crianças e adolescentes e a utilização dessas ferramentas tem o objetivo de lhes proporcionar uma vivência pedagógica muito próxima ao imaginário para que “não apenas dominem o manejo dos novos aparelhos, mas que criem projetos para o uso social das invenções que caracterizam a Era da Informação”.

Vivemos em um mundo no qual os sujeitos transitam pelo mundo real e o mundo virtual. Lévy (1999) conceitua ciberespaço, como este espaço que, apesar de não ser físico, é cenário de encontro e de trocas entre as pessoas. Neste ambiente virtual, surge uma nova cultura, aquela que se forma a partir da interação das pessoas neste *não-lugar* descrito por Levy, que se impõe a todos e exclui ainda mais os que não participam dela.

O ciberespaço é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo (LÉVY, 1996, p. 16).

Por ser um ambiente recente, todos ainda estão conhecendo-o e se reconhecendo nele, adaptando-se a esta realidade. É neste sentido que é preciso haver uma orientação sobre como utilizar este meio para determinados fins, como, no caso, a educação. Almeida lança um olhar sobre o corpo docente:

Há ainda um despreparo para a utilização do pleno potencial da tecnologia. Na maior parte das escolas brasileiras, as tecnologias tradicionais continuam a ser consideradas novas, tamanho o estranhamento que sua presença causa no ambiente educativo. Há quem proponha o uso do *tablet* na educação da mesma forma que se usa o caderno de papel. Do ponto de vista do desenvolvedor de soluções tecnológicas, há ainda quem desenhe interfaces de computador não amigáveis, não as adequando às especificidades dos usuários. (ALMEIDA, 2016, p. 25).

É necessário que os professores estejam dispostos às mudanças que compõem o percurso e suas transformações. Já o Educomunicador é o responsável por desenvolver e gerenciar democraticamente projetos pedagógicos que sejam capazes de suprir as necessidades do ambiente escolar, através de estratégias que auxiliem professores e alunos.

2.4 PEDAGOGIA DA COMUNICAÇÃO

Outra área da Educomunicação que pode contribuir para o desenvolvimento das aulas remotas é a Pedagogia da Comunicação. Pedagogia é a ciência que tem como objeto de estudo a Educação, assim, a Pedagogia da Comunicação focaliza uma educação que é pautada na comunicação, na interação, no diálogo.

Freire (1989) propunha a educação libertadora em detrimento da educação bancária, em que o professor apenas deposita conteúdos nos alunos, de forma autoritária e vertical. A educação libertadora, pautada na Pedagogia da Comunicação, por sua vez, é horizontal, democrática e acontece através do compartilhamento de ideias e conhecimentos.

Segundo Marques de Melo (1998, p. 266), a Pedagogia da Comunicação freiriana implica “na comunhão do educador e do educando, afigura-se como uma pedagogia aberta, em permanente reelaboração. Quanto mais intensa a comunicação, mais rica a interação entre os participantes”.

Percebemos, então, que a Pedagogia da Comunicação independe da tecnologia que é utilizada, pois a questão é a metodologia, não o recurso. Obviamente, de acordo com os equipamentos que serão utilizados, a dinâmica se modificará, mas é importante voltarmos nosso olhar, justamente, para o fato de que, mais importante que as inovações são o ensino e a aprendizagem significativas, a boa relação entre professores e alunos e a educação emancipatória.

Com o passar das décadas (e dos séculos) variam os recursos utilizados em sala de aula, mas o modelo do processo educativo/comunicativo na escola se mantém: uma formação conformadora, que visa promover a adaptação dos sujeitos à realidade de maneira passiva, silenciada, repetitiva e descontextualizada. Neste sentido, é preciso reagir e voltar a atenção para maneiras de formar cidadãos/os mais conscientes e atuantes e não meras/os profissionais conformadas/os, que desenvolvem bem sua função técnica, mas são incapazes de se reconhecer como cidadãos/os, dizer sua palavra autêntica, exigir seus direitos e mudar a realidade (PINHEIRO, 2018).

Em vista do exposto, na pesquisa relatada neste artigo buscamos compreender não apenas de que forma a tecnologia foi utilizada, mas a metodologia aplicada no ensino remoto, visando responder se há

interação entre os alunos e o professor e dos alunos entre si, como se dá a construção de conhecimento e quais são os desafios e perspectivas deste formato de ensino.

3 O CONTEXTO LOCAL E AS ESCOLAS ESTUDADAS

As realidades narradas envolvendo as duas escolas de Campina Grande são específicas e não generalizáveis para todas as escolas do município, uma vez que cada instituição escolar acabou delineando estratégias customizadas para atender as particularidades das comunidades por elas atendidas.

Em março de 2020, o governador da Paraíba anunciou que as escolas estariam em recesso entre 19 de março e 18 de abril do mesmo ano devido ao estado de emergência decorrente da COVID-19 no Estado. O prefeito de Campina Grande/PB, por sua vez, suspendeu as aulas presenciais inicialmente até 31 de março. A partir de então, novas normativas foram publicadas adiando a volta às aulas presenciais, que seguiam ainda indefinidas até o momento da conclusão deste artigo. Neste panorama de incertezas, as escolas foram se ajustando ao que decidiam o Ministério da Educação e as Secretarias Estadual e Municipal de Educação, criando estratégias para o que batizaram de *ensino remoto emergencial*, ministrando aulas e atividades a distância.

A escola pública situa-se em um bairro periférico da cidade, atendendo em sua maioria alunos de famílias das classes D e E, que frequentam o ciclo II do ensino fundamental e o ensino médio. É uma escola de período integral, reformada recentemente e bem equipada com projetores multimídia, televisores, laboratórios, incluindo sala de informática com acesso à internet de banda larga. As estratégias adotadas pela Secretaria Estadual de Educação foram: capacitação remota dos docentes em um curso de 30 horas, aulas on-line, distribuição de aparelhos eletrônicos para os alunos que não os possuíam e entrega de atividades impressas para aqueles desprovidos de qualquer acesso à internet.

A escola privada situa-se em um bairro nobre da cidade e atende famílias de classe A e B. Sendo composta por alunos do 8º ano fundamental ao 3º ano do ensino médio, possui horário diurno, funcionando apenas pela manhã. A instituição não possui laboratório de informática, pois todas as salas de aula são equipadas com projetores multimídia e acesso à internet de banda larga. As estratégias adotadas por ela foram: capacitação presencial dos professores com duração de quatro horas voltada para a utilização das plataformas que viriam a ser utilizadas nas aulas remotas, migração imediata para as aulas on-line com redução de horário de 30 minutos para cada aula e contratação de um profissional de mídia para a gravação dos materiais virtuais.

Ressalta-se que antes da pandemia ambas as escolas ofereciam aulas totalmente presenciais e adotavam livros e apostilas. A escola pública utilizava, de forma interdisciplinar, o laboratório de

matemática que é equipado com TV, jogos, calculadoras e materiais geométricos (régua, esquadro, compasso). Uma vez por semana os alunos frequentavam o local juntamente com a professora e praticavam o que aprendiam através de campeonatos e competições.

3.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Com o objetivo de analisar as experiências e seus desafios, foi feita uma pesquisa exploratória, descritiva, de natureza qualitativa, utilizando coleta de dados por meio de observações não participantes e entrevistas com gestores e docentes das duas escolas.

Na *etapa inicial* da pesquisa foram observadas aulas de matemática de turmas de oitavo ano. A meta era observar a interação docente-alunos durante quatro horas em cada escola. Na escola particular, os alunos tinham semanalmente duas horas de aula, sendo uma hora por dia, em dias distintos. Na escola pública, a carga horária era a mesma, mas ministrada em um mesmo dia. Desta forma, inicialmente, seriam assistidos dois dias de aula na escola pública e quatro na particular. Contudo, no primeiro dia de observação da escola pública, os alunos não compareceram à primeira hora de aula e no segundo, a turma acabou sendo liberada mais cedo, tais fatos nos levaram a optar por observar um terceiro dia de aula nessa turma. Durante a pesquisa, a escola pública encontrava-se no 3º bimestre, tendo 40 alunos matriculados na disciplina e a escola particular, no 2º trimestre, com 24 alunos inscritos.

Para guiar a coleta de dados durante a observação, foi elaborada pelas pesquisadoras uma tabela com critérios de observação, na qual registrava-se: o formato das aulas (síncronas ou assíncronas); a quantidade de alunos presentes; a duração das aulas; a presença ou não da gestão da escola na aula; o itinerário das aulas; as plataformas que o(a) docente utilizou; o perfil docente; o perfil da turma; as instruções organizacionais; a interação aluno-aluno e aluno-professor; os materiais utilizados pelo docente; o formato da avaliação e dificuldades técnicas apresentadas.

A *segunda etapa* envolveu entrevistas com um gestor de cada escola e a *terceira*, entrevistas com os dois professores de matemática, um de cada instituição. As entrevistas foram realizadas virtualmente pelo *Google Forms*². Para os gestores, foi enviado individualmente um questionário contendo 20 perguntas mistas entre abertas e fechadas, contemplando: a) preparação da escola para o ensino remoto; b) capacitação dos docentes e alunos; c) descrição e avaliação da experiência para a escola; d) apoio ofertado pela instituição aos estudantes sem acesso on-line. Para os professores, o questionário continha 17 perguntas mistas investigando: a) formato das aulas pré-pandemia e as mudanças ocorridas

² Ferramenta do Google que permite a criação de formulários de pesquisa on-line.

posteriormente; b) feedback dos alunos; c) apoio das famílias às aulas virtuais; d) o processo de avaliação e os desafios encontrados diariamente.

A resposta de cada participante foi registrada automaticamente pela plataforma, à qual apenas as pesquisadoras tinham acesso, garantindo assim a preservação da identidade dos participantes, conforme compromisso ético firmado por termos de consentimento livre e esclarecidos. Após as entrevistas, foi realizada a análise dos dados e um estudo comparativo entre as duas instituições, como detalhado a seguir.

3.1.1 Etapa 1 - Observação

A) Escola Pública

Aulas 1 e 2 - As aulas de matemática aconteciam entre 8h e 10h, totalizando duas horas semanais. A plataforma utilizada foi o Google Meet e a professora era responsável por criar a sala de aula e enviar o link para o grupo do WhatsApp dos alunos do 8º ano. Nesse dia, dos 40 alunos matriculados, nenhum compareceu às 8h na plataforma, então a professora aguardou até 8h15 e encerrou a sala, abrindo-a novamente às 9h.

Nesse segundo momento, quatro alunos entraram, estando dois deles logados na mesma conta. Foi perceptível a dificuldade de acesso de um dos alunos presentes, pois o mesmo logava e deslogava várias vezes e mudava de local na casa constantemente em busca de uma boa conexão. Foi dado início à aula. Primeiramente, a professora deu as boas-vindas, apresentou as pesquisadoras que observavam a aula e, antes de entrar em seu conteúdo curricular, iniciou um momento de acolhida, no qual compartilhou o vídeo *Feira de Mangaio - Sivuca e Clara Nunes* diretamente do *Youtube*, seguido das informações a respeito do projeto virtual *Arte em Cena*, que aconteceria na escola nas semanas seguintes, cujo tema seria Sivuca.

Houve então uma revisão do conteúdo ministrado na aula anterior àquela e a professora enviou no chat o link para o *Padlet*³ onde os alunos tiveram que responder à pergunta relacionada ao tema: "o que você entende por um triângulo equilátero?". O que chamou atenção foi que todas as respostas aparentaram ser reproduzidas de conteúdo pronto, possivelmente, do livro didático, pois eram idênticas.

Dois dos três acessos estavam com a câmera ativada. A professora insistiu na interação com os alunos pelo microfone e um dos alunos demonstrou dificuldade em ativar e desativar o microfone na hora de falar. Vez ou outra um deles ativava o som e tirava alguma dúvida sobre o que estava sendo explicado.

³ Plataforma on-line, na qual os participantes podem colaborar, escrevendo ou incluindo imagens, disponível no endereço www.padlet.com.

Deu-se então continuidade ao conteúdo e a professora utilizou uma folha de papel ofício dobrada em formato de triângulo, com a qual apresentou o tema da aula: “ângulo externo”.

Após a explicação, foi solicitado que todos abrissem o livro na página da atividade. Um dos alunos que estava com a câmera ligada, deixou o celular com a mãe e sem informar o motivo se ausentou por alguns minutos. A professora, então, sem saber o que estava acontecendo, interrompeu a aula e questionou a mãe onde o aluno estava, a mesma não soube responder e logo o menino retornou com o livro em mãos, informando que havia ido buscá-lo em outro cômodo. Foi então reforçado pela professora a orientação de entrar na aula com o caderno, livro e caneta próximos, para evitar interrupções como a que havia ocorrido.

Foi dada sequência, enquanto os alunos respondiam as questões da atividade, ela os incentivava a entrarem no horário correto da aula e a chamarem os demais também para participar. Os alunos, por sua vez, a informavam a respeito dos colegas que não tinham acesso à tecnologia ou que tinham dificuldade para logar no horário determinado. Durante esse momento, os alunos conversavam entre si pelo microfone, tanto sobre assuntos paralelos como sobre aqueles relacionados à aula remota.

Após alguns minutos e já próximo ao fim da aula as questões do livro foram corrigidas, além de terem sido oferecidas orientações a respeito do grupo no *whatsapp* e sobre as atividades que seriam passadas no *google classroom* no decorrer da semana. A professora ainda apresentou a eles o *lsmart online*, plataforma que possui cursos complementares de português e matemática, teceu algumas considerações e finalizou a aula de matemática daquele dia.

Aulas 3 e 4 - Três alunos entraram pontualmente às 8h e um logo em seguida. Este último não estava presente na aula anterior. A plataforma utilizada foi o Google Meet. A professora iniciou a aula mais uma vez com uma acolhida, desta vez, com um vídeo que ela mesma fez utilizando o aplicativo *Power Director*. No vídeo, ela projetou a música “*Feira de Mangaio*”, sobrepondo-a a uma imagem da escola e declamou sua letra. Como na semana anterior, ela falou sobre o projeto *Arte em Cena* e sugeriu que os alunos da turma criassem um desenho sobre o tema, demonstrando conhecer o interesse deles pela arte visual.

Depois da acolhida, a professora revisou um assunto do ano anterior - *Incógnitas*, para isso, compartilhou uma tela com o pdf de um material didático. Os alunos, porém, mostraram bastante dificuldade para entender o conteúdo, apesar dele já ter sido estudado. Eles demoraram para responder as perguntas feitas e não pareciam seguros. A professora lamentou o fato de não ter um quadro e afirmou: “Gostaria de escrever para vocês, mas não tem como”. A atividade que ela passou demorou quase 20 minutos para ser concluída e foi corrigida junto aos alunos. A docente conseguia direcionar perguntas para cada aluno, pois eram poucos, mas alguns tiveram dificuldade em responder. Ela era bastante paciente, tentava estimular os alunos. Quando uma aluna disse que ia responder, mas achava que estava errada,

a professora fez questão de lhe dizer a importância de pensar positivo e de se esforçar ao máximo. Além disso, percebemos que a linguagem utilizada por ela foi infantil e simples.

Em seguida, iniciou o conteúdo *Expressões algébricas*, ainda usando o compartilhamento de tela. Os alunos seguiram demonstrando dificuldade. Às 9h, ela propôs uma atividade. Durante o período em que a realizavam, dois alunos saíram da sala, ocasionando um clima de desinteresse e frustração e a professora acabou sugerindo que eles acabassem a atividade sozinhos e tirassem dúvidas nas aulas seguintes. A sala foi fechada às 9h30, 30 minutos antes do final da aula. Antes de finalizar, a professora ainda propôs uma autoavaliação, não de matemática, mas sobre o ensino remoto, para estimulá-los a responder, prometeu dois pontos pelas respostas.

Aulas 5 e 6 - a professora entrou minutos antes do horário estipulado e, como dois alunos já estavam presentes, colocou para ouvirem algumas músicas de MPB, Funk, dentre outros estilos com o intuito de “animar o dia e começar a semana bem”, desejando-lhes coisas boas para o dia que iniciava.

Às 8h, um terceiro aluno entrou e a professora aguardou alguns minutos antes de dar início, à espera de mais alguém entrar, enquanto isso, conversava com eles sobre a campanha que estava acontecendo na escola: *Se não usa, doe*. Informou ainda que mais dois alunos da turma haviam recebido doações de aparelhos eletrônicos e esperava que eles comparecessem àquela aula (o que não aconteceu).

Foi realizado um momento de acolhimento com um vídeo produzido pela própria professora declamando o cordel *O deus doido da sanfona de Manoel Monteiro*. Em seguida, foram reforçadas as informações sobre o concurso de desenho que estava acontecendo na escola abordando o tema *Feira de Mangaio - mestre Sivuca* e ela os incentivou a participar. Deu-se então início à aula com o conteúdo *Equação de 1º grau*, com o compartilhamento de uma videoaula no *youtube* que ensinava o básico sobre o conteúdo. A qualidade da imagem e do áudio não estavam boas e não temos como precisar o que foi compreendido pelos estudantes. Eles estavam com os microfones desligados e apenas um com a câmera ligada; uma das alunas ligou o microfone, comentou: “negócio complicado” e desligou novamente.

Após o vídeo, que durou aproximadamente 10 minutos, a professora repetiu a explicação e passou alguns exemplos no *chat* respondendo com a colaboração dos alunos. A mesma aluna que comentou anteriormente, ligou novamente o microfone: “não professora, não coloca muito não, esse assunto é complicado”, a professora então deu outro exemplo, direcionado agora para ela e a aluna respondeu apenas com “unhum”.

Enquanto isso, às 08h34 (meia hora após o início da aula) entrou o quarto aluno, o mesmo se desculpou e informou que teve que arrumar a casa assim que acordou e por isso se atrasou. A professora então repassou o conteúdo para ele e às 9h pediu que copiassem e respondessem questões do livro.

Com aproximadamente 20 minutos de exercício, um outro aluno alegou que estava difícil, então a professora decidiu resolver o exercício “a” com eles e deixá-los responder os demais sozinhos. A turma ficou em silêncio e às 09h30 a professora perguntou se alguém havia conseguido fazer o exercício “b”, tendo um “não” como resposta. Era notório que o único aluno que estava com a câmera ligada desde o início e o microfone desligado, conversava paralelamente com alguém que se encontrava presente no mesmo ambiente que ele na sua casa. A professora perguntou se eles preferiam responder a questão “b” com ela e um aluno ativando o microfone respondeu: “pronto, é melhor mesmo”. Foi realizado o exercício “b”. Em alguns momentos os alunos conversavam pelo microfone uns com os outros sobre as questões e uma aluna comentou que no início não havia entendido e achava que era mais difícil, porém agora achou que o conteúdo era fácil. Um dos alunos pediu com ar de brincadeira: “então me ensina que eu não estou entendendo nada”. A menina conseguiu responder quase todas as questões e ligou a câmera para mostrar para a professora como havia feito e verificar se estava correto.

Os alunos continuaram interagindo entre si, até que às 09h45 a professora solicitou que as atividades fossem enviadas para ela pelo *whatsapp* e os liberou, informando que precisaria se preparar para a próxima aula com o 7º ano, que seria às 10h. Todos se despediram e finalizou-se a aula.

B) Escola Particular

Aula 1 - A aula, com duração de uma hora, aconteceu de forma síncrona na plataforma zoom e contou com a presença de 20 alunos. Na sala, além do professor e das duas pesquisadoras, estava também presente uma colaboradora da escola, responsável por abrir a sala virtual e enviar o link para os alunos.

Antes que o professor entrasse, os alunos estavam conversando sobre futebol e sobre notas. O professor entrou na sala, cumprimentou a todos e começou com o conteúdo *Monômios*. Alguns alunos ainda ficaram conversando no *chat*, mas um deles escreveu “foca”, sugerindo que canalizassem a atenção para a aula e, a partir disso, não houve mais conversas paralelas. Exceto quando, no meio da aula, um dos alunos perguntou quem eram as pesquisadoras presentes, isso gerou uma troca de mensagens no *chat* e, logo que o professor explicou nossa presença, a aula continuou sem interrupções.

Foi uma aula expositiva, com o professor explicando conceitos e dando exemplos. Os alunos, que desde o início da explicação ficaram com câmeras e microfones desligados, ligavam o microfone para responder, perguntar ou tirar alguma dúvida. Notou-se que eram sempre os mesmos cinco alunos que tinham essa iniciativa de maneira espontânea ou quando o professor dirigia uma pergunta à turma. Sabe-se que este é um comportamento comum também nas salas de aulas presenciais.

Para explicar o conteúdo, o professor utilizou a plataforma *Microsoft Whiteboard*, que, como o nome diz, imita o quadro branco que se tem em sala de aula; nela é possível escrever, digitar, circular, dar zoom e colocar imagens. Além disso, o professor tinha um *tablet* e uma caneta *touch*.

Os alunos que participavam mais ativamente da aula - poucos, como relatamos - através do chat ou microfone, pareceram engajados e interessados. Responderam corretamente às perguntas do professor e uma das falas de um aluno pode ser destacada: "estava assistindo a uma videoaula sobre polinômios", mostrando que teve interesse em pesquisar sobre o assunto antes que este fosse dado.

Algo a se destacar é que o professor mostrou como colocar termos matemáticos no computador ($3^2 = 3^2$). Entendemos que isso foi possível porque os alunos já sabiam o básico, já estavam habituados a utilizar o meio digital. Os alunos comentaram no *chat* "que massa", mostrando entusiasmo pelo novo conhecimento, que, apesar de não estar no currículo especificamente, está relacionado ao momento em que eles estão vivendo (de ter aulas virtuais). Inclusive, a única dificuldade técnica foi um aluno que não conseguiu colocar o acento circunflexo em seu equipamento, o que não atrapalhou a aula de nenhuma forma. O professor terminou a aula, perguntou se havia dúvidas e se despediu dos alunos. Percebemos que ele não passou nenhum exercício, o que nos leva para a aula seguinte.

Aula 2 - a aula iniciou com 22 alunos presentes, além do professor, das pesquisadoras e da colaboradora da recepção. O professor iniciou revisando o conteúdo, utilizando novamente o *Microsoft Whiteboard*. Depois, corrigiu as questões do módulo, que é uma apostila que os alunos têm em casa, ou seja, apesar dele não ter passado nenhuma atividade específica, percebemos que os alunos já estão habituados a ter que resolver, como atividade extraclasse, questões no livro sobre os assuntos vistos em aula. Os mesmos alunos da aula anterior responderam às questões e auxiliaram o docente na resolução. É importante apontar que nem todas as questões da apostila foram exploradas, apenas as escolhidas pelo professor ou que algum aluno havia tido dúvidas.

Registramos a fala de um dos alunos: "mas no ENEM não temos tempo para fazer assim, não é, professor?" para mostrar que, apesar de ainda estarem no Ensino Fundamental, já se preocupam com o Exame Nacional do Ensino Médio, que atualmente é o principal caminho dos adolescentes para a universidade.

Em determinado momento da aula, o coordenador e o diretor entraram na sala e depois de um momento de descontração, avisaram aos alunos que o segundo módulo tinha chegado na escola e que os pais deveriam ir retirá-los. Os alunos interagiram com o diretor e o coordenador, colocaram algumas questões de outras matérias, tendo o coordenador solicitado que as enviassem pelo *whatsapp*, mas assim que eles saíram, o foco voltou para o conteúdo. Sobre isso é importante perceber o interesse dos

alunos nas questões avaliativas e o uso de outras plataformas virtuais de interação entre aluno e escola - o *Whatsapp*.

O formato da aula foi bastante parecido com o da anterior. Desta vez, o único problema técnico foi o professor ter saído da aula, possivelmente por problemas com a internet; porém, não demorou nem três minutos para ser resolvido. Os alunos se mostraram inabalados pela situação e a aula continuou normalmente.

Destacamos algumas situações desta aula. A primeira é que os alunos pedem que o professor volte ou tire o zoom da tela compartilhada, para que eles possam capturar a tela, aqui percebemos que alguns alunos fazem isso ao invés, ou além, de copiar no caderno, o que demonstra o quão habituados eles estão à tecnologia e como esta modificou alguns de seus comportamentos. Destacamos também uma situação que se deu entre dois alunos: o menino disse no *chat* que não conseguia tirar *print* do celular e a menina respondeu que poderia enviar para ele *prints* que ela tirou; houve, por tanto, não só interação, mas colaboração entre os alunos, sem ser necessário que o professor mediasse a comunicação.

O professor ainda começou um conteúdo novo *Operações com monômios semelhantes*, também de forma expositiva, dando exemplos, perguntando se os alunos estavam entendendo e acompanhando, ouvindo dúvidas e fazendo exercícios. Inclusive, alguns exercícios foram colocados para que os alunos fizessem e respondessem no *chat* ou no microfone, mas novamente, apenas os mesmos cinco alunos interagiram. Por fim, o professor fez um momento de retomada do que foi visto e perguntou se havia alguma dúvida.

Aula 3 - Antes da aula os alunos conversavam sobre assuntos aleatórios apenas pelos microfones e às 11h56 o professor e a recepcionista responsável pelo suporte, entraram, os cumprimentaram com um ar mais descontraído e imediatamente foi dado início a aula voltada para revisão. Todos desligaram os microfones. Ainda houve uma interação fora do tema da aula no *chat* entre dois alunos, mas logo entraram no contexto do conteúdo ministrado pelo professor. Comentários como: "adoro esse assunto" ou "os assuntos são todos conectados" foi o que chamou a atenção durante a explicação e revisão de conteúdo.

Percebeu-se interesse, colaboração e a autonomia dos alunos: a todo momento se ajudavam, incentivavam uns aos outros no *chat* quando acertavam e comparavam as respostas e os meios pelos quais conseguiam chegar aos resultados; alguns até colocavam outras formas de chegar aos resultados além daquelas que o professor havia citado. Apesar de não ser a totalidade dos alunos, houve uma participação maior, para além dos cinco alunos que geralmente utilizavam o microfone para interagir.

A cada exemplo dado no *quadro virtual*, respondiam imediatamente sem a necessidade da insistência do professor e até faziam *competições* internas de quem estava colocando o resultado primeiro; respondiam entre si as dúvidas simples que surgiam sobre o que estava sendo falado, de qual tema se tratava, se o conteúdo já havia sido dado na aula anterior ou não, gerando assim um andamento mais preciso do conteúdo e evitando que pausas constantes fossem realizadas, o professor lia o que diziam e concordava ou corrigia verbalmente.

A interação no *chat* entre os alunos e o professor foi melhor durante essa aula do que na anterior e foi observada a sua facilidade em visualizar as dúvidas por lá com mais rapidez, comparada à interação pelos microfones, que seguiam desligados. Era perceptível a dificuldade dos alunos em tirar as dúvidas quando perguntadas pelo microfone, precisavam interromper o professor mais de uma vez e de forma insistente, para conseguir sua atenção; ressaltando ainda que, nesta aula, dos 19 alunos presentes, apenas cinco ou seis interagiram no *chat* e aproximadamente dois no microfone, em momentos oportunos.

Um dos alunos comentou no *chat*: “eu acho que errei” antes mesmo do professor corrigir a questão apresentada e sem ao menos ter exposto sua resposta para a turma, demonstrando insegurança e medo de errar semelhantes ao do aluno da instituição pública.

Foi observada a facilidade do professor em explicar o conteúdo com o auxílio do *quadro virtual*, demonstrando a todo momento ter o domínio das ferramentas tecnológicas que utilizava. Percebemos também o formato das explicações passadas e das dúvidas tiradas pelos alunos voltadas para o ENEM, visto que em um momento um aluno perguntou pelo microfone: “no ENEM é agilidade né, professor?” e o mesmo respondeu prontamente seguindo com sua linha de raciocínio. A aula finalizou aproximadamente 6 minutos após o horário e os mesmos alunos do início seguiram interagindo no *chat*; uma das alunas chegou a perguntar: “que horas a aula acaba?” Mas não foi registrada nenhuma manifestação a mais de incômodo por parte deles.

Aula 4 - o professor entrou às 10h45 e cumprimentou os alunos. A recepcionista abriu a câmera, cumprimentou a todos e logo a desligou juntamente com o microfone. Pontualmente, entraram 13 alunos e logo em seguida os demais, totalizando 20 alunos.

Foi dado início à aula de revisão. Todos os alunos estavam com os microfones e câmeras desligadas, porém seis ou sete deles interagiam pelo *chat* com conversas alternadas entre assuntos paralelos e o conteúdo revisado. Um dos alunos fez uma pergunta no *chat*, porém como a dúvida não ficou clara para o professor, ele ativou o microfone, reformulou a frase e em seguida desligou novamente.

Foi observada a preferência do professor em responder prontamente as dúvidas que surgiam do *chat* ao invés do microfone; quando os alunos tentavam chamá-lo pelo microfone durante a explicação,

muitas vezes não eram respondidos ou precisavam insistir ou o interromper; talvez para não perder o raciocínio, ele não fazia pausas.

O que chamou a atenção durante essa aula em específico, foi que em vários momentos o professor perguntou: "Tã tudo certinho pessoal? Se tiverem alguma dúvida podem perguntar pelo *chat*, fiquem à vontade" e em todas as perguntas 1 ou 2 alunos respondiam pelo microfone que não tinham dúvidas, já os demais, não se manifestavam. A aula seguiu com exemplos na tela para serem respondidos no *chat*.

Um aluno abriu o microfone e disse que tinha uma dúvida, o professor logo respondeu: "pois não?" e esclareceu o assunto para ele. Um outro aluno colocou a resposta da questão no *chat* e escreveu: "É assim?" como não obteve resposta continuou: "acho que acertei". A todo momento os alunos colocavam no *chat* as respostas e escreviam: "o meu deu assim", comparando as respostas uns com os outros.

Dando continuidade a revisão, o professor perguntou qual assunto eles estavam vendo na disciplina de geometria e mostrou então, através da tela compartilhada, um dos exemplos de equação aplicada à geometria; os alunos que interagiam ainda pelo *chat* demonstravam bastante interesse na interdisciplinaridade do conteúdo. Foi notório que alguns tinham dificuldades de tirar *print* da aula pelo notebook ou pelo PC e pediam auxílio aos colegas

Por fim, o professor ensinou rapidamente mais uma técnica para utilizar termos matemáticos na calculadora virtual " $4^2 + 3 = 4^{(2+3)}$ ". Um dos alunos ativou o microfone, o chamou e começou a fazer uma pergunta, porém o professor já estava se despedindo dos alunos e não ouviu, um outro aluno o interrompeu e relatou que o seu colega tinha uma dúvida e o pediu para esperar, o professor prontamente respondeu "ah, oi! Desculpe", o aluno então respondeu: "não, deixa" e a aula naquele dia foi encerrada.

3.1.1.1 Análise dos Dados

Diante das observações, percebemos que os formatos e dinâmicas das aulas, bem como o contextos dos alunos, são bastante distintos. Deixamos claro que não nos cabe, enquanto pesquisadoras, fazer afirmações generalizantes, mas sim analisar os dados observados. A primeira grande diferença nas aulas é a participação dos alunos. Enquanto na escola pública, houve a participação de cinco alunos, na escola particular, mais de noventa por cento da turma estava presente na sala de aula virtual. Não podemos afirmar que todos estavam atentos à discussão, pois o que percebemos foi que sempre os mesmos alunos interagiam com o professor, o que mostra que o ensino remoto pode ter perpetuado uma prática já conhecida do ensino presencial, da aula expositiva em que há pouca - ou nenhuma - participação ativa do educando.

Outra grande diferença foram os recursos utilizados por cada professor e o formato das aulas - enquanto as do Estado aconteciam durante duas horas seguidas em um dia da semana, as da escola

particular duravam uma hora e eram ministradas dois dias por semana. A professora da escola pública utilizava recursos didáticos virtuais em alguns momentos, como no caso dos vídeos e do *Padlet*, já o professor da particular utilizava constantemente o *Microsoft Whiteboard*, que tem funções que auxiliam a explanação.

Apontamos ainda a diferença na linguagem utilizada pelos professores, a professora da escola pública utilizou linguagem mais infantil e simples, enquanto o professor da escola particular, linguagem mais direta e adulta. Os alunos da escola particular demonstraram mais intimidade com a tecnologia e uma autonomia maior em relação às atividades. Pelas respostas deles, era perceptível que haviam feito exercícios da apostila em casa e, por isso, as atividades passadas em sala, eram realizadas com maior rapidez.

É muito importante retomar o fato de que menos de um terço da turma da escola privada interagia por *chat* ou pelo microfone, então não temos como avaliar a interação dos outros alunos, que permaneciam com câmera e microfone desligados e que não interagiam pelo *chat*. Outra diferença é que a professora da escola pública demonstrava interesse por aspectos mais pessoais de cada aluno, enquanto o professor da particular se limitava ao seu conteúdo.

O aproveitamento do tempo é um ponto de divergência. A aula da escola pública acontece de forma mais lenta, pelos problemas de acesso e velocidade da explicação. Muitas vezes é necessário retomar conceitos, repetir explicações. A aula da escola particular é mais fluida e, em geral, não tem pausas.

É interessante pontuar que alguns comportamentos são típicos da idade e independem do contexto. Nas duas escolas vimos alunos implicando uns com os outros, quando algum deles não entendia algo ou interferiam na aula de alguma forma, mas vimos também a cooperação entre eles; na escola particular, um aluno disse que não conseguia tirar *print* da tela e a colega disse que enviaria a imagem para ele; na escola pública, sempre que há um informe para um aluno que não está presente, os colegas afirmam que caso o vejam, darão o recado. Mais uma semelhança foi percebida quando os estudantes demonstravam receio em ter respondido de forma incorreta. Este comportamento é decorrente de cultura escolar na qual o mais importante é chegar a uma resposta correta. O mais importante é o produto, do que o processo.

3.1.2 Etapa 2 - Entrevista com Gestores

Os gestores foram questionados sobre a experiência de ensino remoto em suas escolas. A primeira diferença percebida através da entrevista foi sobre o tempo que se levou para introduzir as aulas on-line. Questionados sobre a data de início das aulas remotas, o gestor da escola particular afirmou que as aulas voltaram dois dias depois do início do isolamento, já a gestora da escola pública afirmou que demorou cerca de um mês.

Na preparação para a implementação do ensino remoto, a gestora da escola pública afirmou que os funcionários foram incentivados a “fazer cursos on-line pela Plataforma Paraíba Educa através do *Google Classroom* e no site Paraíba Conectada”, não deixando claro se o curso foi obrigatório ou não para os funcionários. O gestor da escola particular afirmou que houve “formação da equipe docente e implementação das plataformas digitais”, além disso, citou que houve contratação de profissional de mídia para o desenvolvimento das atividades on-line. Segundo os gestores, ambas as escolas ofereceram capacitação para os professores e direcionamentos aos alunos e às famílias. A escola pública, segundo a gestora, recebeu suporte da Secretaria de Educação, Cultura e Tecnologia da Paraíba (SEECT-PB).

Quanto ao formato das aulas, a gestora da escola pública afirmou que elas se davam pelo *Google Classroom*, *Whatsapp* e *Meet* e que eram utilizados também formulários do Google, aulas pela TV 8.3, aulões pelo *Youtube* e atividades impressas. O gestor da escola particular citou o *Whatsapp*, *Youtube*, *Eduqo*, *Moodle* e *Zoom*.

Quanto ao percentual de participação, o gestor da escola particular afirmou que 90% dos alunos participam assiduamente das aulas, o que foi confirmado na observação das aulas e que será explicitado mais à frente (as aulas observadas tiveram entre 20 e 22 de um total de 24 alunos). A gestora da escola pública afirmou que 80% dos alunos participam, porém, na observação das aulas, percebemos a participação de apenas 5 de um total de 40 alunos. Segundo a professora desta escola, que também foi entrevistada, parte dos alunos que não estavam on-line receberam material impresso com exercícios que deveriam ser realizados e devolvidos à escola.

Quando questionados sobre os desafios das aulas remotas, as respostas tomaram rumos bastante distintos. Enquanto a gestora da escola pública afirmou que a maior dificuldade é chegar aos alunos que não têm acesso à internet, o gestor da escola particular cita o redirecionamento do time para esta nova modalidade e a busca por fazer a família compreender a sua eficácia.

Ao avaliarem a experiência de ensino remoto, ambos gestores se mostraram positivos e confiantes. Afirmaram estar havendo um bom desempenho, ser uma experiência inovadora que os modificou enquanto profissionais e que há a expectativa de continuar utilizando ferramentas digitais mesmo com a volta às aulas presenciais. Importante destacar que, espontaneamente, os entrevistados trouxeram falas sobre o corpo docente que valem a pena ser destacadas. “Os nossos professores são bastante engajados, e porque não dizer: Nós Professores somos os Protagonistas do Ensino Remoto”, afirmou a gestora da escola pública. “Com a pandemia, descobrimos que a tecnologia mais incrível disponível na escola são os professores e professoras”, disse o gestor da escola particular.

3.1.2.1 Análise dos Dados

Diante das respostas dos gestores foi possível perceber que, apesar das realidades tão distintas, as duas escolas tiveram que se adaptar a uma nova realidade, esta adaptação teve diferenças e semelhanças. Sobre o tempo que levou para o início das aulas remotas, cabe apontar que a escola privada tem uma autonomia maior, enquanto a pública precisa esperar as diretrizes da Secretaria de Educação da cidade e do estado.

Diante das respostas, percebemos que houve mobilização de ambas as escolas no esforço de migrar de um contexto presencial, com o qual todos estão acostumados, para o contexto virtual. As respostas que mais diferiram foram sobre os desafios enfrentados por cada escola. Na escola pública, chegar às crianças que não têm acesso foi a parte mais difícil do processo, o que não foi enfrentado pela escola particular. Esta distinção provém da diferença entre as classes sociais dos públicos de cada escola e chama atenção para a dificuldade propriamente material dos estudantes da educação pública, para além daquela paradigmática.

Como consequência do exposto acima, percebemos a diferença na frequência dos alunos. Enquanto na escola particular a grande parte dos alunos participam das aulas síncronas, para o que é necessário equipamentos e internet, os 80% dos alunos participantes citados pela gestora da escola pública se dividem entre aqueles que participam das aulas síncronas e aqueles que apenas recebem material impresso em casa.

Apesar dos desafios, os gestores se mostraram positivos em relação à inclusão da tecnologia na educação, de forma permanente, o que sinaliza com um bom panorama relativo à educomunicação na educação formal.

3.1.3 Etapa 3 - Entrevista com Docentes

Os dois professores relataram terem sentido surpresa ao saber da adaptação urgente que precisariam ter para lecionar aulas remotamente. Ambos afirmaram que receberam formação antes de iniciar o período remoto.

Quando perguntados a respeito das funções que exercem, o professor da escola particular relatou que é responsável por planejar a aula, e a professora da escola pública planeja, grava o material, o coloca na plataforma, acompanha a frequência dos alunos, os avalia, entra em contato com os pais e acrescentou ainda que realiza aulas de nivelamento, transmissão on-line interdisciplinar e gincana remota. Ambos afirmaram que no geral, a experiência de dar aulas remotas está sendo boa e se tratando da plataforma, não encontraram dificuldades no manuseio “após o curso, fazendo-o com facilidade e o grande desafio é a interação com os estudantes” afirmou a professora da escola pública.

Quando perguntados a respeito das mudanças que houveram no planejamento de suas aulas, para a professora da escola pública a maior delas foi na interação com os estudantes, trabalhos em grupo e relações interpessoais, já para o professor da instituição particular, as aulas precisaram ser mais objetivas e sucintas no conteúdo para que pudesse obter uma melhor compreensão dos alunos “haja vista que no ensino remoto as possibilidades de distrações são maiores”, afirmou.

Para os entrevistados, a participação dos alunos nas aulas está menor do que era presencialmente e segundo o professor da escola particular, a interação com eles varia muito de turma para turma. Segundo a professora da escola pública, “está sendo um grande desafio”.

Se tratando do retorno que os alunos deram aos professores quanto ao formato das aulas, o professor da escola particular informou que eles afirmaram estar sendo interessante e, diante do cenário atual, ser uma ótima alternativa de obterem conhecimento. Informou ainda que o interesse nas aulas varia também de cada turma, pois as turmas de séries mais avançadas tem como motivação o vestibular. Para a professora da escola pública, alguns de seus alunos informaram que estão aprendendo, porém a maioria diz sentir falta das aulas presenciais.

Quando questionados sobre como avaliam o aprendizado de seus alunos, ambos informaram que aplicam o formato de avaliação contínua, levando em consideração a frequência e a interação nas aulas síncronas, além de outros meios utilizados pelas escolas. De acordo com o professor da instituição particular, os exercícios passados após cada aula na plataforma *Eduqo*⁴ também servem na hora de avaliar o aluno, “o objetivo é muito além de visualizar notas, mas sim enxergar a tentativa do aluno em fazer o que foi requisitado” afirmou, completando em seguida que “modelos de avaliação trimestrais são realizados, fugindo um pouco do modelo convencional de provas, desenvolvemos metodologias de aplicações e avaliação exclusivas para serem utilizadas nesse período de pandemia”. Já de acordo com a professora da instituição pública, a cada bimestre, um questionário autoavaliativo é aplicado como forma de avaliação e também atividades impressas realizadas em casa são entregues pelos alunos na escola, “toda e qualquer participação serve como instrumento de avaliação”, afirmou.

Quanto ao auxílio dos professores aos alunos com dificuldade de aprendizagem, a professora da escola pública informou que em outros momentos que não os das aulas, durante o dia, se encontra à disposição deles para tirar dúvidas; já o professor da escola privada ressaltou a existência de grupos e também do contato individual que tem com os alunos nas redes sociais com o objetivo de ajudá-los.

⁴ Uma plataforma digital de ensino, no qual os alunos têm acesso a atividades e conteúdo. Acesso pelo link: <https://eduqo.com.br/>.

Em relação ao posicionamento e à cooperação dos pais dos alunos às aulas remotas, os dois professores confirmaram que, os pais que participam, cooperam. O professor da escola privada mencionou ainda que a grande maioria participa e se interessa.

Acerca das maiores diferenças que os educadores encontraram entre as aulas presenciais e remotas, foi questionado se as avaliaram de forma positiva ou negativa. De acordo com o professor da escola privada, a ausência do contato visual com o aluno na aula remota faz com que o professor não tenha a mesma percepção de aprendizagem que possuía presencialmente: o “olho no olho”; com isso, considera que tais mudanças são negativas, mas que podem ser contornadas mediante a interação virtual com os alunos. Para a professora da escola pública, “em qualquer situação existe aprendizado, para os educadores uma reciclagem forçada e reforçada em sua metodologia de ensino, e vejo como positiva” e prossegue: “a tecnologia foi incorporada à educação e creio que não sairá mais; na volta às aulas presenciais vamos utilizar as metodologias ativas”. A mesma considera as diferenças positivas e completa que “em qualquer situação existe aprendizado, para os educadores uma reciclagem forçada e reforçada em sua metodologia de ensino, e vejo como positiva” afirma.

Os educadores foram questionados também se existe uma intenção futura em prosseguir com o uso das tecnologias em sua prática docente quando as aulas presenciais retomarem. Ambos confirmaram que sim e a professora do ensino público reafirmou a resposta anterior, de que pretende continuar com metodologias ativas e ensinamentos baseados em projetos. Já o professor da instituição privada informou que pretende, mas como complemento das aulas presenciais e não de forma exclusiva no ensino.

Quanto à transformação que o ensino remoto trouxe para os professores entrevistados, o professor da escola privada respondeu que “Trouxe muito aprendizado, principalmente na parte tecnológica. Além de que foi possível produzir muitos conteúdos digitais que poderão ser utilizados no futuro para complementar as aulas presenciais”. A professora da escola pública afirmou “que a vida é um eterno aprendizado e nos ventos fortes nos reinventamos, para ser o melhor para o mundo em que vivemos”.

3.1.3.1 Análise dos Dados

Nos chamou a atenção, primeiramente, a diferença entre as funções desempenhadas pelos professores durante o período remoto. Enquanto o professor da escola privada realiza a função de planejar a aula, a professora da escola pública planeja, grava o material, o coloca na plataforma, acompanha a frequência dos alunos, os avalia, e entra em contato com os pais de todas as turmas na qual leciona.

Considerando a capacitação emergencial que as escolas precisaram adotar mediante a pandemia, é interessante pontuar a receptividade e familiaridade que ambos os professores demonstraram ter com as plataformas que utilizam, afirmando possuir facilidade em utilizá-las após os cursos preparatórios

que tiveram, o que foi também confirmado nas observações feitas pelas pesquisadoras durante as aulas, nas quais não foi observada em nenhum momento insegurança por parte dos mesmos em conduzir a aula remotamente.

Os educadores também demonstraram intenção em continuar com o uso das tecnologias em sua prática docente no pós-pandemia e nos chamou a atenção principalmente, a resposta a respeito das transformações que o ensino remoto os proporcionou, na qual pontuaram a aprendizagem tecnológica que adquiriram com o novo formato de ensino e a capacidade que tiveram de se reinventar mediante todas as dificuldades encontradas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao fim da pesquisa, constatamos que mais do que nunca se tornou evidente o potencial da educomunicação e do educador para as instituições de educação formal. O ensino remoto fez sobressair lacunas para as quais intervenções educacionais podem contribuir ao promover ações de: a) mediação tecnológica, fornecendo apoio ao uso da tecnologia; b) pedagogia da comunicação, com o planejamento de processos e projetos de aprendizagem; c) gestão da comunicação, indo desde o fomento ao diálogo nas aulas até a implementação ou incremento dos diversos ecossistemas comunicativos que mantêm unidos a comunidade escolar, a família e a sociedade; d) produção midiática, com a elaboração de materiais e conteúdos didáticos.

Através das entrevistas dos gestores, percebemos o interesse, tanto da escola pública, quanto da particular, de incluir a tecnologia no cotidiano da instituição, mesmo ao se referirem ao período pós pandemia. A incorporação de educadores pela escola particular e pela Secretaria Estadual de Educação tem o potencial de facilitar este processo, fazendo com que ele ocorra de forma planejada, como não foi possível quando da migração emergencial para o ensino remoto por causa da pandemia de COVID 19.

Em relação às entrevistas com os docentes, é comum a ambos a sensação de que o ensino a distância impede um contato mais individual e direto com o aluno. Os dois também se mostraram entusiasmados com a possibilidade de continuar trabalhando com a tecnologia, mas em suas respostas não houve detalhamento de como isso seria feito. É importante destacar que a professora da escola pública já utilizava metodologias inovadoras mesmo antes da pandemia, aproveitando os recursos do laboratório de matemática nas aulas presenciais, por exemplo. O professor da escola particular, por sua vez, demonstrou ter facilidade com as tecnologias digitais pela destreza com que manuseava os programas no decorrer das aulas. Entendemos que para além da boa intenção dos professores, que é essencial e

que foi percebida nos entrevistados como diferencial, é recomendada a presença de um profissional que traga soluções interventivas para que o propósito de continuar utilizando as ferramentas tecnológicas seja colocado em prática com sucesso.

A partir das observações foi possível identificar as maiores lacunas do ensino remoto, sendo as principais relativas à participação dos alunos. Em ambas as escolas foi muito difícil avaliar o grau de interação da turma na aula, principalmente pelo fato das câmeras estarem desligadas. Outros desafios são próprios de uma ou de outra instituição. Na escola pública, a baixa frequência de alunos é o dado mais preocupante; na escola particular, a perpetuação do modelo de aula mecanizado, mesmo no ambiente virtual, é algo a se refletir. Percebe-se que o professor da escola particular tem autonomia menor em relação à metodologia, sendo bastante cobrado no quesito tempo/conteúdo. Já a professora da escola pública consegue explorar temas para além do seu conteúdo formal, tais quais o projeto interdisciplinar pelo qual começava cada aula e as questões pessoais e socioemocionais de seus alunos.

Cabe pontuar que em uma situação não extraordinária, os professores poderiam utilizar a estrutura da escola, o que não foi possível no período pandêmico e acabou afetando o formato das aulas. Laboratórios e equipamentos de ambas as escolas podem contribuir para a adoção de metodologia que permita incrementar a participação dos alunos, o que pode ocorrer, por exemplo, com a utilização do Ensino Híbrido, modalidade em que o aluno tem relativo controle do tempo e do modo de produzir seu conhecimento (BACICH; NETO; TREVISANI, 2015). No Ensino Híbrido, os estudantes têm a oportunidade de trabalhar em pequenos grupos, num formato que horizontaliza a sala de aula e que foge do formato transmissivo mecanicista em que apenas o professor fala. Outra possibilidade é a utilização da Pedagogia de Projetos, em que os alunos partem da investigação de um problema para construir seu conhecimento. Em ambos exemplos, as tecnologias podem ser utilizadas de maneira disruptiva, trazendo uma metodologia em que o eixo da aula passa a ser o aluno.

Por fim, considera-se que foi possível com este trabalho traçar um panorama da escola pública e da escola particular no contexto da pandemia. Contudo, visando avaliar de forma integral a aprendizagem no período remoto emergencial e a evolução do cenário pós pandemia, será necessário ainda investigar a visão dos alunos acerca da experiência vivenciada e conhecer os impactos dessas práticas sobre o planejamento e o retorno às aulas presenciais.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, L. B. C. **Projetos de intervenção em Educomunicação**. Campina Grande: 2016. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/37588150-Projetos-de-intervencao-em-educomunicacao.html>>. Acesso em: 27 jul. 2020.

BACICH, L.; TANZI NETO, A.; TREVISANI, F. M. (Org.). **Ensino híbrido: personalização e tecnologia na educação**. Porto Alegre: Penso, 2015.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

G1. **Prefeitura de Campina Grande suspende aulas devido ao novo coronavírus**. 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2020/03/17/prefeitura-de-campina-grande-suspende-aulas-devido-ao-novo-coronavirus.ghhtml>>. Acesso em: 25 nov. 2020.

MARQUES DE MELO, José. **Teoria da comunicação: paradigmas latinoamericanos**. Petrópolis: Vozes, 1998.

PARAÍBA. **Decreto 40.128/2020**. mar. 2020. Disponível em: <<https://leisestaduais.com.br/pb/decreto-n-40128-2020-paraiba-dispoe-sobre-a-adocao-no-ambito-da-administracao-publica-direta-e-indireta-de-medidas-temporarias-e-emergenciais-de-prevencao-de-contagio-pelo-covid-19-novo-coronavirus-bem-como-sobre-recomendacoes-aos-municipios-e-ao-setor-privado-estadual>>. Acesso em: 25 nov. 2020.

PINHEIRO, Rafaela. A Pedagogia da Comunicação de Paulo Freire: uma relação por uma educação e educadores e educadoras mais dialógica, crítica e libertadora. *In: Anais do II Congresso Internacional Paulo Freire: o legado global*, 2018, Belo Horizonte. Campinas, Galoá, 2018. Disponível em: <<https://proceedings.science/freire-globalconference-2018/papers/a-pedagogia-da-comunicacao-de-paulo-freire%3A-uma-reacao-por-uma-educacao-de-educadores-e-educadoras-mais-dialogica%2C-criti>>. Acesso em: 22 jul. 2020.

SIGNATES, Luiz. Estudo sobre o conceito de mediação. *In: Novos olhares*. 1998. n. 2. p. 37-49. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/novosolhares/article/view/51315>>. Acesso em: 26 jul. 2020.

SOARES, Ismar. **Educomunicação, o conceito, o profissional, a aplicação**: contribuições para a reforma do Ensino Médio. São Paulo: Paulinas, 2011.

_____. **O perfil do Educomunicador.** Disponível em: <<http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/29.pdf>>. Acesso em: 25 nov. 2020.

SOARES, Ismar; CITELLI, Adilson; LOPES, Maria Immacolata. Educomunicação: referências para uma construção metodológica. *In: Revista Comunicação & Educação*, v. 24. n. 2. 2019. São Paulo: CCA-ECA-USP.